



Vincent van Gogh,
nascido em 30
de março de 1853,
aos 13 (?) anos,
NMVG

A última carta de van Gogh

M. A. AMARAL REZENDE

Desta vez, a primeira, não errei. Mais algumas horas, estarei livre da vida e de sua infernal energia. Infernal e insustentável porque me obrigava a pintar já que não sobrava outra coisa a fazer. Ela não vai mais me perseguir, nem ameaçar, do despertar ao horário da insônia.

Em pouco tempo, estarei livre desta obsessão absurda. Por deixá-la me dominar, devo ser cego ou não enxergo bem. Se meus olhos soubessem ver, eu seria mais razoável. Não arriscaria a tentar copiar nada, nem paisagens, nem modelos, nem outros pintores, nem as cores que, às vezes, surgem em mim.

Depois de acabar, será o primeiro dia em que esta fúria insana vai me deixar em paz. A morte é mais rasa que a vida. Sei que nela não arrisco afogar, a naufragar em mim mesmo, como venho fazendo há muito tempo. Nela, não afundarei, como sempre, arrastado por meus fracassos. Agora, à sua espera, é surpreendente como me sinto forte e sereno. Finalmente, enxergo bem. Escapei do terror que suportei a cada tela. Nada obrigará a repetir o desespero de me forçar a terminá-las. Para não chegar nem a quem de meu desprezo por mim mesmo. Nunca completei ou completaria tela alguma. Elas é que se acabavam, em todos os sentidos, longe de onde queria chegar. Provavam que as pessoas que se recusavam a comprá-las tinham razão. Quando a pintura acontece por si mesma, como a que tento, impotente, o pintor não vale um centavo, nem para enfeitar paredes. Mesmo assim – ainda que não a entenda – tenho uma aguda raiva delas, idiotas. Queria vê-las enterradas além da morte, antes dela, esquarteradas por dentro.

Com meus gestos, iguais em todos os dias, os de condenado a insistir em pintar, o máximo que alcancei foi um mundo confuso, de sombras, de excessos de luz, de vagos vazios, de vultos de cores, sujas e banais. Nada além da miséria, por fora e por dentro. Nunca achei nem a posição das pinceladas que precisaria para fugir daquelas que a própria pintura exibia, forçava a executar. Me cansei à toa. Me exauri antes da hora. Para fazer o que fiz, menos que nada, não precisaria ter trabalhado demais. Acabei por me gastar. Impossibilitou algo maior. Meu alibi foram as centenas de horas inúteis, repetidas por pura teimosia, desperdiçadas para fazer sair algo que ninguém tolera, nem mesmo eu. Se revejo minhas telas, acho, no mínimo, vergonhoso que vieram do desejo de “coisas especificamente belas”, como escrevi em uma carta anterior. Foi absurdo pretender que, pelo trabalho, iria acertar alguma coisa. Algo além de me esvaziar.

Cada um de meus gestos poderia ter sido menos vulgar. Se tantos outros foram e são capazes, com muito menos esforço, com muito mais prazer, bem que eu poderia quase terminar uma tela decente, única que fosse, mesmo que por acaso. Qualquer uma, se menos ruim que as minhas outras, seria capaz de me salvar a vida. Nem chego a supor que mostrasse o caminho das seguintes. Bastaria que fosse a primeira e a última. Mas, pensando bem, acho que fiz bem em evitá-la. Se acontecesse, seria pior. Ampliaria o fracasso. Se tentasse até mesmo copiá-la, não saberia como fazê-lo. A cada tentativa, mais e mais provaria que nunca cheguei perto de meus limites. Ela, a tela que não pinte, demonstraria que nunca deveria nem começar, que jamais a pintara ou pintaria.

Mesmo que não seja brilhante, não entendo como fui estúpido em acreditar que, um dia, saberia pintar. Desde o início, deveria ter reconhecido que a pintura não se deixaria aprender, por mim. Na verdade, acho que percebi isto. Acho que foi a minha razão para buscar um caminho diferente. Se seguisse os outros pintores, não conseguiria imitá-los. Nunca chegaria à sua facilidade, à sua capacidade de achar, sem dificuldade alguma, as marcas da beleza.

Me enganei em pensar que, como muitos outros, nascera com a pintura dentro de mim. Não soube ver que ela jamais precisou de mim. Nem chegou perto. No máximo, me deixou persegui-la. Para se divertir, houve um tempo em que quase se deixou encontrar. A angústia desta ilusão era confortável, mais fácil de agüentar que a de aceitar sua ausência. Eu recusava a admitir que ela me mantinha à distância. Foi parte de seu jogo para me seduzir e destruir. Dia a dia, repeti a mímica do que aconteceria se ela se aproximasse de mim, como se ela se interessasse. Se soubesse ver, reconheceria seus sinais, os meus limites. Centenas de telas perdidas deveriam ter me mostrado que errei antes de começar. Ainda bem que não me cassou o direito de acabar pela morte, o jeito mais fácil.

Vincent van Gogh morreu em 29 de julho de 1890. Dois dias antes, se dera um tiro de revólver no peito. A agonia foi lenta. Ele quase nem conseguiu. Para sua sorte, os médicos foram mais incompetentes. Na espera da morte, teria escrito esta carta. Seria a de número seiscentos e cinqüenta e três (M.A.A.R.).

M. A. AMARAL REZENDE é escritor, autor de *Todos os Corpos*, *Corpus* (Editora Perspectiva) e *Corpo de Mulher* (MG Editores).